



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

OS CAMINHOS NA NOITE: A LIBERDADE SEM OLHARES

Eliane Nogueira Pires
UESB

RESUMO

As reflexões que orientam este trabalho, entendido como um fazer etnográfico, têm a preocupação de compreender a noite como um espaço-tempo no qual o jovem pode afirmar a experiência e a condição de ser jovem. É também um espaço-tempo de fruição de vida, em que os jovens não são tão “vigiados”, em que eles se permitem uma relação de mais diversão e de menos compromisso, de investir no tempo, na sociabilidade e nas trocas afetivas.

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, busco explicar o contexto analítico pelo qual foram construídos o sentido e o significado da noite, realidade pouco investigada, mas cada vez mais intensamente vivida pelos jovens.

Buscar compreender a noite não é algo novo ou inusitado. Ela esteve sempre presente, percorreu o dia-a-dia e a vida das pessoas e das sociedades. Portanto, a noite tem se constituído, desde sempre, como um tempo de ilusão, de magia e de transfiguração, para quem está na noite, vive a noite e para quem, na noite, reproduz parte dos seus sonhos e desejos. (Sanches e Martins, 1995, p. 217)

Sabemos que a dimensão da noite, sempre foi vista como lugar de perigo, marginalidade e boemia, que deveria ser reprimida e controlada por entidades reguladoras. Era vista, também, como um lugar onde os fenômenos da exclusão cultural e social aconteciam. Assim, a noite significava escuridão, monstros,

sombras, e caberia às autoridades reguladoras das cidades repressão e controle sobre ela. (Ibid, p. 218).

Logo, a noite oferece-se como contexto aberto a múltiplas possibilidades; sendo arriscada, mas espetacular, perigosa, mas fonte de surpresa e perpétuo desejo, como pensam Sanches e Martins:

Estas múltiplas possibilidades resumem, sobretudo, desejos de diversão, de emprego e de transgressão, esboçando um jogo de relações sociais muito particular. Este jogo é configurado num contexto próprio, diferente do contexto diurno, onde alguns tentam reproduzir sonhos e desejos e outros se deixam ficar pelo simples encontro consigo próprios, ou pelo carregar de energias para a atividade do dia seguinte. (p. 217-218)

A noite eleva e facilita, também, fenômenos proibidos ao dia, que têm uma lógica social e cultural singular, tanto que, até bem pouco tempo, as atividades ligadas à noite, eram vistas como marginais, e seus protagonistas, produtores e consumidores, eram considerados como pessoas “*dúbias*”. Na verdade,

[...] a noite era vista como lugar de perigo, marginalidade e boemia; uma morada privilegiada que servia de palco a fenômenos de exclusão cultural e social – a noite significa uma alteridade marginal que devia ser objecto de repressão e controlo por parte das entidades reguladoras das nossas cidades. (p. 218)

A partir das novas culturas emergentes, aquelas que vivem à noite de forma intensa e alternativa, afirmam os autores, lembrando Maffesoli³⁰ (1997), têm-se

³⁰ A liminalidade das novas culturas juvenis da noite, construídas sobre o impulso para a errância, de que fala Maffesoli (1997), pode assemelhar-se à liminalidade das míticas personagens da noite que deambulavam errantemente pelas esquinas das ruas sem rosto reconhecido e com uma identidade dúbia: as bruxas, o drácula, o Mr. Hyde (do Dr. Jekyll) ou os lobisomens são personagens lendárias que assustavam de noite, não só pela marginalidade das suas práticas como pela alteridade das suas identidades – uma mulher que voava ou

redefinido as imagens produzidas pela noite, modificando tanto o campo de interação no que diz respeito aos protagonistas da noite, quanto aos contextos em que atuam. Os autores lembram, ainda, as novas formas de consumo cultural, como também a construção de outros estilos de vida na cidade contemporânea, assentes na estetização do corpo, dos lugares e na pulsão para a errância.

Apontam que, com o aparecimento de “uma economia da noite”⁴⁰², agora lembrando Lovatt (1996), é redefinido o papel dos “novos produtores” de lazer e de bens culturais, ao tempo em que se assiste a um “reordenamento do espaço urbano”, considerando que o lazer noturno está associado principalmente às cidades.

Sanches e Martins, considerando a importância crescente da noite como cenário e estilo de vida contemporâneos e sabendo da noite enquanto unidade espaço-tempo juvenil, que combina diversas formas de lazer e normas sociais, propõem identificar um conjunto de situações facilitadas pela noite, lembrando que ela possibilita também certas práticas marginais legal e/ou moralmente condenáveis. Vejamos na citação abaixo:

[...] a construção social da noite (ou o conjunto de representações sociais elaboradas colectivamente) tendia para um campo conflitual, onde duas posições opostas se desenhavam: uma imagem positiva da noite, disponibilizava por parte daqueles que a viviam – os produtores e os consumidores desta economia nocturna, sobretudo os jovens; e *uma imagem negativa da noite*, construída por moradores de áreas residenciais próximas às de lazer da noite e pelas autoridades locais e centrais [...] (p. 221)

homens com hábitos vampirescos, monstruosos ou com corporeidade animalesca são lendas construídas na anciania das sociedades humanas e constituíram, em contextos diferentes, personagens da noite fabricada no imaginário colectivo. (Sanches e Martins, 1995, p. 18).

⁴⁰² Esta nova fase tem ligações (mais antigas) ao aparecimento da luz elétrica, primeiro nas cidades, e à revolução no campo tecnológico e industrial que possibilitou o alargamento dos horários de trabalho e a massificação da produção e do consumo. (Sanches e Martins, 1995, p. 18)

Entendem os autores que, à noite, as questões de insegurança e de marginalidade, que foram incorporadas, começam a ter um novo impacto, em virtude de um forte crescimento, por parte dos jovens, desses espaços noturnos. Lembram que os seus estudos coincidem com o surgimento e consolidação, na cidade de Lisboa, de uma nova produção econômica que teve a noite, os jovens e os espaços culturais da cidade, como questões-chave, tornando as questões do lazer e das culturas juvenis, prioritárias, reorientando os seus trabalhos.

[...] as questões da insegurança e da marginalidade foram, desde a muito, integradas na agenda da noite; todavia, as questões do lazer e da apropriação simbólica desta unidade “espaço-tempo” pelos jovens começaram a ter um novo impacto, devido a um forte crescimento verificado na procura dos espaços noturnos. Cauquelin (1977) refere que o problema do sentimento de insegurança noturna resulta, aliás, mais de uma “inabilidade para utilizarmos os códigos da noite”. Para a autora, a iluminação das cidades viabilizou a segurança e a rapidez das comunicações urbanas, trazendo “à existência” partes esquecidas das cidades. A iluminação das partes públicas teria constituído o primeiro passo na definição de uma economia noturna. (p. 225).

Quando falam dos “traços noturnos”, afirmam que a insegurança e a marginalidade sempre estiveram presentes na agenda da juventude. Porém, com o crescimento da procura dos espaços noturnos pelos jovens, deu-se um novo impacto às questões do lazer e da apropriação simbólica desse espaço-tempo. Os problemas de insegurança e os conflitos da vida noturna que os jovens enfrentam nas cidades não foram empecilhos para o desenvolvimento de uma economia da noite baseada no consumo do lazer:

A economia da noite representa um objecto de disputa entre o número de vontades em competição – económicas, culturais, políticas e morais – e ilumina a estrutura

evolutiva da cidade pós-moderna e alguns dos princípios envolvidos nas transformações sociais estruturais actuais. No entanto, enquanto objecto político, a economia da noite tem sido estranhamente marginalizada. Até há bem pouco tempo, parecia que a vida noturna de uma cidade não era um objecto de atenção legítimo para as autoridades locais, a não ser para ser regulado e contido. (Lovatt, 1996, p. 142 apud Sanches e Martins, 1995, p. 229).

Sabendo-se que às culturas da noite estão ligadas várias práticas e formas de sociabilidade juvenil, os autores procuraram “saber como essas práticas são facilitadas pelo contexto nocturno, ou seja, qual a importância que a noite assume para os jovens” (ibid, p.231).

Para Sanches e Martins, a noite pode constituir-se num tempo de prazer ou tempo de marginalidade, duas noções antagónicas ou mesmo complementares. E mais, os jovens, cada vez mais cedo são parte constituinte da noite, desenvolvendo culturas específicas que se referenciam a lugares e percursos identificáveis no contexto da cidade.

Nestas práticas juvenis, os lugares são dados sob a forma de práticas e não são estas que definem esses locais como espaços de cultura e convivialidade. O espaço surge então, “como um suporte mediador entre actividades quotidianas e diferentes estruturas sociais e culturais que se exprimem através daquelas”. (ibid, p. 232). Portanto, o conceito espaço-tempo não deve ser visto como um fenómeno de moda, já que faz parte das culturas juvenis.

A noite constitui-se como uma unidade espaço-tempo antropológica de relação e identidade onde se cruzam múltiplas personagens e vidas. A procura do prazer e da excitação ganham na noite uma maior intensidade. Como referem Ramirez e Miras (1996: 311) “a noite constitui (neste nosso tempo) uma atmosfera atractiva de divertimento, de repouso, de relações sociais, o lugar e o momento propício ao consumo, cada vez mais infiltrada no meio dos jovens”. De acordo com esses autores, a

caracterização da noite como espaço-tempo juvenil passa por um sentimento de liberdade, através do qual os jovens se exprimem naturalmente e sem complexos. (p.233)

Lembram que a liberdade ⁴⁰³ que está associada à vivência da noite e à vivência intensa do lazer em contextos noturnos é uma forma de resistir à “domesticação” das massas e fazer frente à “violência totalitária” de que fala Maffesoli.

Por isso, Maffesoli faz a apologia da “economia do imaginário, do desejo, do prazer, do que não é útil e não é racional”. [...] o que caracteriza a cidade atual e as novas culturas juvenis, nomeadamente os jovens adultos, é o declínio de um sentimento de identidade baseado na actividade profissional. [...] Se bem que a noite não possa ser vista apenas como um receptáculo do desemprego juvenil e das conseqüências da ‘autamodernidade’ e ‘modernidade radical’ (Giddens) ou de uma ‘pós-modernidade esvaziadora de sentido’ (Hollands, 1997:211), o certo é que são os jovens que fazem uma apropriação mais plena desta ‘unidade espaço - tempo. (p. 235-236)

Neste parágrafo, os autores afirmam que são os jovens que fazem uma apropriação maior dessa “unidade espaço-tempo” e, em virtude do processo de reestruturação econômica, prolongam os ritos de passagem da adolescência, alargando o período de transição para a idade adulta, o que é traduzível numa “cultura de clubes noturnos”.

Quando falam que a noite é diferente do dia, os autores ponderam que o fato de a noite se assemelhar sempre mais ao dia, em virtude da intensidade de vida, não significa que ela é um “decalque deste”. E complementa “a noite é um fim em si

⁴⁰³ Podemos até dizer que é a partir dela que há uma existência social. (Maffesoli, 1994, p. 129)

mesmo” e quanto é interessante verificar como a cidade opera uma transformação pela magia de um “pôr do sol” (ibid, p. 241)

A noite transporta-nos para outra realidade na qual os mesmos actores (os habitantes da cidade e os que lá se deslocam) desempenham papéis radicalmente diferentes [...] No entanto, para os mais jovens ou para os consumidores da noite, a excitação é conseguida num palco que, sendo fisicamente o mesmo, constrói-se simbolicamente como diferente [...] (p. 241)

A noite não é um tempo sempre igual; divide-se em alguns momentos, e cada um desses momentos exige um tipo de lazer específico. Neste sentido, afirmam que a noite facilita modos de vida específicos, principalmente juvenis, e a associação de uma imagem de liberdade ao espaço da noite parece referenciar preferencialmente os mais jovens.

A apropriação de espaços e lugares da cidade e a sua transformação em lugares de culto é uma das facetas distintivas da noite. As discotecas e os bares são os santuários das práticas nocturnas, os lugares principais para a realização de certos cultos regulares que, cada vez mais, parecem assumir lugar de destaque na vida juvenil. (p. 242)

Os autores lembram ainda que é importante verificar o modo como os jovens se iniciam na noite e considera que redes de suporte individual, como, por exemplo, a família ou grupo de amigos, podem influenciar na relação dos jovens com a noite tornando-a mais tranqüila e afastando-os dos riscos.

O contato com referencias nocturnas é uma possibilidade que aumenta entre a população juvenil e, no caso dos pais terem sido anteriores freqüentadores da noite, esse parece efectuar-se em idades mais jovens. Contudo, parece-nos que o factor decisivo para que a entrada na vida noturna

possa ser realizada mais tranquilamente para que a própria construção social da noite se direcione mais para as dimensões do lazer, afastando-se dos riscos que também a caracterizam, está relacionado com a existência de redes de suporte individual, como a família, grupo de amigos e comunidade envolvente. (p. 246)

A noite estimula a estetização e a estilização da vida, continuam os autores quando falam do corpo, vestuários e outros adereços estilísticos.

O corpo, como lugar de resistência simbólica, no qual se inscreve a utilização de vestuários e outros adereços estilísticos, presume escolhas e consumos diferenciados. A defesa de uma imagem que se referencia a uma determinada pertença grupal e cultural é especialmente importante nas culturas juvenis. (p. 247)

Porém, a questão da estética e do estilo não se restringe apenas ao âmbito individual (do consumidor), devendo ser compreendida também no contexto da própria oferta do lazer noturno (do produtor).

Os espaços de culto apropriados por grupos de jovens com estilos de vida diferentes proliferam neste contexto noturno. Os lugares são identificados por esta lógica de apropriação, mais do que suas características originais. [...] Da mesma forma, a estética enquanto elemento definidor do estilo contribui para que essa apropriação se complete, i.e., os lugares acabam por oferecer aquilo que os seus proprietários esperam que os clientes habituais procurem. (p. 249)

Assim, os jovens usam uma estratégia que não se baseia somente no estilo e na estética; combinam com a produção de “bens simbólicos” de forma que sustentem os vários consumos da noite – “o estilo como homologia”.
N *Analisando os fins de semana, Sanches e Martins observam diferenças*

significativas entre os dias da semana e a sexta-feira/sábado, quando se trata da cultura da noite para os jovens. Portanto:

Neste aspecto os fins-de-semana diferenciam-se dos restantes dias, apresentando-se como contextos de consumo massificado e generalizado – ‘aos fins-de-semana os lugares estão repletos de gente, enquanto durante a semana estão os clientes habituais’, [...] O fim-de-semana pode ser considerado como um tempo onde se produz dinheiro e os consumos são realizados indistintamente. Na verdade, a nossa observação permitiu-nos aferir da diferença entre os dias da semana e a sexta-feira/sábado. (p. 250)

Os autores analisam também a prática de sair à noite, considerando-a como um novo modo de vida juvenil, caracterizado por uma entrada tardia nos mercados de trabalho como também pela ênfase colocada no consumo o “que está na origem de processos de esteticização e estilização de suas vidas.” (Ibid, p. 254)

Quando Sanches e Martins (1995) falam da escolha dos espaços da noite, onde os consumidores realizam a sua identificação, afirmo que obedecem, neste sentido, a uma lógica de semelhança segundo a qual eles realizam a sua identificação ao grupo de referência “o paradoxo desenha-se a partir deste jogo de contradições, a noite é vista como espaço de libertação, mas funciona numa lógica de identificação dos indivíduos aos grupos e aos espaços onde se encontram” (ibid, p. 254):

Assim, existe uma identificação com os lugares, motivando as escolhas individuais e grupais. Mesmo havendo quem saia sozinho, a prática de sair à noite constitui-se necessariamente, um ato coletivo, partilhado por grupos de referência. “As culturas juvenis da ‘noite’ definem-se, neste sentido, a partir dos locais de encontro, convívio e sociabilidade.” (ibid, p. 255)

Existe uma ilusão de independência, por parte dos jovens, na apropriação da noite. É o que percebo na citação dos mesmos autores:

Esta noção boémia associada à noite remete-nos para uma vivência alternativa e libertária dos espaços públicos e do próprio tempo. Durante o dia, os jovens sujeitam-se a uma convivência regrada por horários de trabalho/estudo [...] No entanto, durante a noite estes ritmos são alterados, sobretudo entre a população mais jovem que, cada vez mais, se apropria dessa unidade temporal para potenciar consumos culturais específicos. (p. 256)

A sensação de maior liberdade e de que o escuro esconde alguma coisa é discutida como razão das opções dos lugares noturnos nomeados pelos jovens. Sanches e Martins (1995) comentam que:

O tempo livre disponível e o modo como esse tempo é vivido de noite, ajuda-nos a perceber por que razão os jovens encaram os lazeres nocturnos como um escape à 'normalidade diurna'. A sensação de uma maior liberdade experimentada à noite explicaria, então, as escolhas dos lugares da noite por parte dos jovens. (p.256-257)

Sanches e Martins em seu trabalho sobre traços noturnos listam inúmeras situações sobre as identidades juvenis em torno de uma vivência do espaço Bairro Alto, Lisboa, onde os jovens "ancoram" com outros que compartilham idéias, gostos e os mesmos estilos. "Normalmente estes estilos localizam-se em espaços claramente demarcados, produtores e reprodutores de identidades". (p. 258)

A minha intenção ao citá-los é de que sirvam de suporte ou pistas para iluminar a pesquisa sobre a juventude de Vitória da Conquista quando saem à noite para circular na "Pracinha do Gil" e na Avenida Olívia Flores entre outros lugares, principalmente nos finais de semana. Verifico "uma certa liberdade de ação e de horários, protagonizada pelos jovens nos contextos nocturnos, funciona como uma prática de resistência aos padrões convencionais de vivência do tempo

pelos mais adultos” (ibid, p. 258), como também, “uma oferta em termos de mercado produtor da economia da noite” (ibid, p. 258), cuja prática noturna, sem esse mercado, não poderia acontecer.

A “ideologia da noite” também é analisada por eles para entender o consumo juvenil:

A idéia de uma “ideologia da noite”, que está por detrás da organização de toda a vida juvenil, parece constituir um dado importante para compreendermos os consumos culturais dos jovens. A criação de um mercado de consumo direccionado para a noite reflecte, portanto, a importância que esta unidade temporal vem assumindo nas esferas do lazer e do trabalho juvenis. Os jovens compram roupas e vestem-se especificamente para sair de noite [...] (p. 259)

Logo, o dia torna-se residual, sendo a noite o espaço-tempo que os jovens vivem.

Afinal, qual é o significado da noite? Por que alguns jovens passam dos traços de vida para os riscos de vida? “As redes sociais de suporte como a família, os amigos, a escola e o bairro, cumprem um papel essencial”, (ibid,p. 260) concluem os autores. Entendo que a noite se expressa de forma diversa, nos diferentes segmentos de classe e em diferentes sujeitos, visto que a história de cada um é singular. Conseqüentemente as respostas e reações à prática da noite são distintas e diferenciadas, contudo o trabalho de Sanches e Martins aponta para pistas relevantes que vale retomar.

Esta pesquisa centra-se, portanto, no segmento do universo juvenil que frequenta a noite.

Seria difícil, talvez impossível, seguir este caminho sem buscar referências e leituras que me remetessem ao estudo da noite, tão presente e claramente vivida pelos jovens nas grandes metrópoles e também pelos jovens da cidade de Vitória da Conquista, terceira maior cidade da Bahia.

Difícil também seria percorrer os trajetos e percursos desses jovens que saem à noite em busca de entretenimentos, amores, encontros, entre outros, e perceber sua heterogeneidade⁴⁰⁴, sem as experiências de encontros com eles, experiência extremamente feliz, quando por meio de diálogos (entrevistas abertas) falávamos sobre estas questões.

Para identificar suas práticas culturais noturnas, quando reforçam vínculos de sociabilidade, vivenciam amores, aventuras, desencontros, contradições e entretenimento, tomei suas falas como matéria-prima desse conhecimento, falas que surgiram em forma de entrevistas, nas quais relataram suas condutas e trocaram relações entre estas e seu contexto, revelando o sentido imanente de suas ações, o que me permitiu tecer reflexões sobre o conteúdo das suas condutas.

É importante destacar também o desprendimento e confiança de alguns jovens quando, por meio das entrevistas, contam sobre seu cotidiano suas vidas e sua condição de ser jovem.

Mas, o que me interessa necessariamente aqui é analisar a noite e o seu significado na sociabilidade dos jovens de Vitória da Conquista. Nesse sentido, recorro também às autoras Maria Isabel Mendes de Almeida e Kátia Maria de Almeida Tracy (2003), que abordam esse tema restringindo-o, contudo, aos jovens do Rio de Janeiro.

Em seu relevante trabalho sobre o espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas, as autoras analisam como os jovens de classe média mudaram o perfil do lazer noturno transformando a noite em uma categoria espacial, um circuito de festas, idas e vindas à boate, lojas de conveniências localizadas em postos de gasolina, que ficam abertas durante 24 horas. Para as autoras:

⁴⁰⁴ Não devemos esquecer que a heterogeneidade, mesmo se ela perturba, mesmo se é mais difícil de se compreender, é a fonte da vida. É com o “contraditório” (S. Lupasco, G. Durand), que começa a existência, enquanto que o idêntico ou homogêneo, apesar de mais pacífico ou mais controlável permanece potencialmente mortífero. (Maffesoli, 1994, p. 129)

[...] a noite transforma-se em um circuito que passa por distintos lugares, tais como festas, boates, shoppings, cinemas, lojas de conveniência e lanchonetes situadas nos postos de gasolina abertos durante toda a madrugada. Este mapa noturno compreende, também, fragmentos inusitados do espaço urbano como as 'portas' dos lugares ou eventos da moda, bem como escadarias, trechos de ruas e 'ilhas de cimento' estrategicamente situados nas vias de circulação da cidade. Quando inseridos no circuito da diversão, esses locais são redimensionados, tanto em suas funções, quanto em seus significados. (p. 17-18)

Neste trecho, percebo como a noite é vivida pelas culturas jovens urbanas, revelando claramente o cenário atual das metrópoles, quando, a partir de um novo circuito de diversão, os jovens redimensionam os locais tanto em relação às suas funções quanto em seus significados.

As autoras ressaltam que a “mobilidade” passou a ser o traço da ocupação noturna da cidade e a noite – *night* – compreendida como uma rede de trajetórias simultâneas, desenhadas por multidões de jovens que se deslocam, fazendo do deslocamento um fim em si.

No capítulo um – Geografia da *Night* – as autoras lembram que é grande o número de autores e linhas de pensamento que apontam que o espaço teria substituído o tempo como princípio de inteligibilidade das formações culturais contemporâneas. Isto é apenas um ponto de partida de um saber interdisciplinar afinado com as transformações empíricas, mas não esgota estas discussões. O debate sobre espacialidade é pertinente para compreender as principais questões das Ciências Sociais contemporâneas. Logo:

As noções de espaço e lugar não envolvem séries de relações fora da sociedade, mas estão implicadas na própria produção das relações sociais e são, em si mesmas,



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

socialmente produzidas; as relações espaciais e os lugares a elas associados são múltiplas e contestáveis; a ênfase no espaço trás, em si mesma, um novo modo de abordar o tempo. (p. 25-26)

Entre estes vários autores, destaco Certeau (1996), que, ao falar de “espaços” e “lugares”, afirma que um lugar é a ordem na qual se distribuem os elementos nas relações de coexistência, excluindo, aí, a possibilidade de duas coisas ocuparem o mesmo lugar. Um lugar é uma configuração instantânea de posição, implicando uma indicação de estabilidade.

O espaço existe quando se levam em consideração vetores de direção, velocidades e a variável tempo, e é animado pelo movimento que aí se desdobra. O espaço é o efeito dado pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam, levando-o a funcionar em unidades polivalentes de programas conflituais ou de proximidades contratuais. Sendo assim, estaria para o lugar como a palavra falada, ou seja, percebida na ambigüidade de uma efetuação, mudada pelas múltiplas convenções, colocada pelo ato de um tempo e modificada pelas transformações que se deram em virtude das proximidades sucessivas. Diferentemente do lugar, não tem a “univocidade” nem a “estabilidade”. Para Certeau:

[...] o espaço é *um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito. (p. 202)

Quando falam de Michel de Foucault, Almeida e Tracy argumentam que o autor, além de apontar para a centralidade do espaço, acrescenta também a sua flexibilidade “esses espaços seriam ‘diferentes’ dos espaços culturais ordinários

nos quais vivemos, e Foucault propõe chamá-los de ‘heterotópicos’ diferenciando-os dos espaços ‘utópicos’. (p. 26) Logo, as heterotopias são lugares efetivamente realizados, e as utopias não têm existência concreta.

Destacam também o autor Kevin Hetherington como aquele que melhor interpreta a dimensão relacional dos espaços heterotópicos lembrando que as heterotopias dizem respeito a novos modos espaciais de interação social e discurso, isto é, sociabilidade.

Quando falam da visão conceitual de “espaço” e “lugar”, lembram Michel De Certeau e sua definição de “lugar praticado” como estratégica para as suas argumentações.

As autoras insistem, portanto seguindo as sugestões de Foucault e De Certeau, que seus argumentos estão voltados, contemporaneamente, para os movimentos de reescritura do “espaço”, entendendo-o “como resultado de práticas históricas e contingentes, para além das coordenadas estáticas que definem a ordem dos lugares”. (ibid, p. 28)

Quando analisam a metrópole, modelo de organização social e espacial, afirmam que o traçado político-cultural mais característico da contemporaneidade parece ser as múltiplas transformações pelas quais ela vem passando. Assim, a identidade dessa nova forma - a metrópole - não seria definida mais pelos seus limites materiais precisos, mas pelos fluxos comunicacionais que estabelecem um duplo processo de fragmentação, recombinação, em todos os níveis.

Desse modo, “uma pluralidade de culturas (e subculturas, com estilos de vida e identidade a-tempo [rais], vidas estetizadas, modas descartáveis) fragmenta a metrópole e a dilata sem mais fronteiras definidas: as fronteiras são móveis como as identidades, fronteiras plurais e polifônicas”. (p.29)

Continuando a sua geografia da *night*, lembram o arquiteto e filósofo francês Paul Virilo, cuja chave da leitura para explicar a contemporaneidade são os meios de comunicação de massa que têm como princípio o binômio distância-velocidade e organizam o mundo a partir da produção e difusão de informações e imagens. Lembram também o antropólogo francês Marc Augé, quando argumentam que a “hipermodernidade”, caracterizada pela aceleração da experiência social e subjetiva, gerou a superabundância espacial; a superabundância factual e a superabundância identitária – três características baseadas no excesso. Desse modo,

[...] o caráter definidor da contemporaneidade “não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito -, mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de seu no espaço”. Esse novo regime de espacialização das experiências sociais e subjetivas que se estrutura em torno do deslocamento e não da fixação, levou-nos a investigar a “trajetividade” como componente fundamental das culturas jovens urbanas. (p. 34)

Portanto, “no mesmo movimento em que define noite como espacialidade praticada, deriva-se a percepção de sua condição decisiva de trajetividade, de positividade da dimensão de fluxos e processo habitado”. E o espaço da noite como “um espaço de fluxos, e não de lugares.

Este caráter explica, por exemplo, o que torna um ambiente inusitado, como posto de gasolina, tão atraente”. (ibid, p. 40)

Esse espaço de fluxos, espaços de diversão, é movido pelo ocasionalismo, pela dispersão, sempre reinscrevendo o espaço. “Pode-se comer um hambúrguer no fim da noite com os amigos [...] Mas, muito mais do que saciar a fome, intensifica-se a fruição do ‘estar junto’, do brincar em grupo, da aglutinação temporária do grupo em direção a novos deslocamentos”. (ibid, p.40)



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

É importante esclarecer que, mesmo estando na Bahia, na cidade de Vitória da Conquista, a clareza com que Maria Isabel de Almeida e Kátia Maria de Almeida analisam a noite – *night* – e apontam as questões do deslocamento, do nomadismo entre outras, é de fundamental importância para o desenvolvimento desta pesquisa, pois, a partir de suas categorias, busco pistas e caminhos para seguir com outros jovens que também saem à noite, em busca de lazer e entretenimento, em várias direções, se deslocando incessantemente, até o “*nascer do sol*” e “ocupando vários espaços que funcionam como ponto de alternância em seus trajetos, terminam por criar espaços interativos nas zonas de passagem, de trânsito, zonas intersticiais, intermediárias, aporéticas”. (ibid, p. 40)

Ficou clara, na pesquisa de campo, a importância de se buscar a cultura da noite, espaço-tempo vivido, desejado e conquistado pelos jovens. Assim, através do estudo de Alvarez (1996) continuei a caminhar entre os vários significados da noite.

Seguindo esta análise, recorro a este autor que aborda o mesmo tema, a noite, mas não me restringindo a analisá-la como escuridão, onde o medo está sempre presente e diferente do dia, as regras não se aplicam. Assim, “por mais que se ilumine a noite, o problema moral da escuridão continua a existir” (ibid, p. 12).

A noite, há dois séculos, era tempo de terrores; como opção democraticamente possível a todos, um horário em que as pessoas comuns podem dedicar-se a atividades normais, com uma ou outra exceção, é uma invenção relativamente moderna. Portanto:

Até menos de dois séculos atrás, a noite ainda era um tempo de terrores, de maus presságios e de violência, uma área onde não se podia penetrar, onde criminosos, duendes e todas as outras forças das trevas reinavam, um tempo em que os cidadãos respeitadores da lei aferrolhavam suas portas e se agrupavam em torno do fogo com apenas uma vela para iluminar-lhe o caminho para a cama. (p.27)



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

O autor inicia sua obra falando que, nos últimos cem anos, perdemos o contato com a noite, quando o homem do século XX pressiona o interruptor para encerrá-la.

Na Antigüidade, a noite era repleta de terrores, e o primeiro triunfo de Deus foi sempre um triunfo sobre as trevas. Quando Deus criou a luz, Ele também criou a si próprio, pois, através da luz, extraiu-se ordem do caos, conhecimento da confusão e da ignorância; e a conquista das trevas foi um ato de autodefinição como também prova de sua onipotência. Os gregos antigos raciocinavam da mesma forma que os Hebreus, afirmado que divindade é igual à luz, que é igual à ordem, e o caos é igual a trevas e igual ao medo. Para o autor, só há duas maneiras de tornar a noite aceitável: “iluminando-a artificialmente ou dormindo, para desligar os sentidos.” (ibid, p. 21).

Assim essa crença na luz, repetiu-se, incontestavelmente, nos mitos e na adoração do sol.

Para os gregos e os cristãos, dia e noite eram mostras dos contrastes eternos entre o bem e mal, ordem e caos, macho e fêmea, razão e instinto, apolíneo e dionisíaco, Deus e diabo. O fogo e a luz literal e metafórica que o fogo criou eram os dons divinos que separavam a humanidade das outras ordens da criação. O fogo era o grande habilitador, a fonte da ciência prática e também a base da sociedade. A fogueira foi o primeiro centro social, um lugar seguro diante da perigosa escuridão. “Às pessoas que se aconchegavam em torno das chamas, o fogo provia luz para enxergar, calor para cozinhar e aquecimento para o conforto.” (ibid, p. 22)

Para o autor, o processo de civilização da noite avançou passo a passo durante séculos, produzindo fontes de luz cada vez mais fortes, limpas e mais apropriadas. Contudo, pelos padrões modernos, nenhuma delas era especialmente eficaz, pois da pré-história até o final do século XIX, a única fonte de luz eram as variadas formas de fogo: fogueira, tochas, lâmpadas de óleo, velas, candeias, bicos

de gás. Todas emitiam uma luz suave, difusa e acolhedora, não muito boa para ler, mas suficiente para espantar os monstros.

Contudo, essa fonte de luz produzia fumaças e odores, queimava o oxigênio dos aposentos, depositava fuligem nas cornijas nos móveis, o pavio teria que ser sempre ajeitado, o óleo reabastecido, fora o fato de ser muito perigoso. Fósforos de madeira não existiam até por volta de 1820, fora o tempo que era tomado no processo de acender as centenas de velas que eram usadas em ocasiões formais de gala. Antes da invenção dos fósforos, obter luz de sílex e isca era complicado, difícil e enervante.

Assim, a luz artificial era cara e somente os ricos podiam ficar acordados durante a noite.

Os pobres guiavam suas vidas pelo sol. Mesmo no início do século XIX, até as velas de sebo eram difíceis de serem adquiridas pela maioria das famílias de trabalhadores, ficando suas casas às escuras, como na Idade Média, no máximo, com uma única vela acesa, com a família sentada em torno dela, durante uma ou duas horas por toda a noite.

Nesse período, as famílias pobres não desperdiçavam dinheiro nem mesmo com uma única vela, pois, sendo analfabetos, na sua maioria, a luz da lareira lhes satisfazia. “A iluminação em si mesma era uma forma de celebração; em francês *feux d’artifice*, fogos de artifício, chamavam-se originalmente *feux de joie* [fogos de alegria]. (ibid, p. 26).

Os festivais de luz no século XVII, parte da cultura barroca, iniciavam ao anoitecer e terminavam com os cortesãos indo para casa, e os artífices e os burgueses começando seu dia.

Assim, era necessário ter muito dinheiro para desperdiçar a luz artificial, o que era considerado como um artigo de luxo. Um século depois, era a classe média que se distinguindo de seus inferiores desperdiçavam luz artificial, dormindo e levantando-se em horas tardias.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Para Alvarez, a associação da noite com o mal estava representada nos trabalhos de artistas como Caravaggio e De La Tour como também nas peças de Shakespeare, quando o fantasma de Hamlet perambulava, Lear enlouquece, Imógene é traída, e Clarêncio e Polônio são assassinados entre outros. Vejamos:

A escuridão assassina do castelo de Macbeth era perfeitamente familiar para os membros de uma platéia elizabetana porque algo muito semelhante estaria esperando por eles quando deixasse o teatro Globe. [...] O Don era como os salteadores que vagueavam pelas ruas, uma criatura da noite, um predador, um habitante de um elemento estranho; a escuridão era parte de sua natureza maléfica. (p.27)

Continuando falando da noite, ele lembra que, para que a noite pudesse ser colonizada e segura para os “cidadãos respeitáveis”, eram necessárias duas coisas: a iluminação da rua e uma força policial. A iluminação embora primitiva nas ruas foi feita no início do século XV pelos proprietários ricos por serem obrigados a pendurar lâmpadas nas janelas das suas casas, quando nem tanto elementos de iluminação, mas como parte de uma espécie de cartografia urbana, marcos de referência na escuridão, para orientar o viajante pela noite a achar o seu caminho. Assim, até 1662, não existia ainda nenhuma tentativa organizada de iluminar as ruas.

Somente cinco anos depois, Luís XIV baixou um decreto que as lâmpadas penduradas desordenadamente na fachada de algumas casas fossem substituídas por lâmpadas de vidro que seriam penduradas por cordas no centro de cada rua. Assim, Paris, antes do fim do século, tinha seis mil e quinhentas lanternas que consumiam setecentos e quarenta quilos de velas a cada noite.

Em Londres, a iluminação das ruas começou quando Edward Heming obteve uma licença para colocar luzes, das seis da tarde à meia noite, de dez em dez casas, cobrando seis xelins por ano por essa relativa segurança.

No início do século XIX quando as cidades começaram a ser iluminadas regularmente e de forma confiável, Londres teve lâmpada a gás nas ruas em 1807, Baltimore em 1816, Paris em 1819 e Berlin em 1826. A eletricidade chegou meio século depois sob a forma de arco voltaico.

Em 1822 foi ligado o interruptor das primeiras lâmpadas de rua, período em que Swan e Edison resolveram o problema do foco elétrico da mesma forma e na mesma época. Contudo, foi Edison quem inventou e montou o sistema completo para alimentar as lâmpadas em bases comerciais.

Alvarez lembra que, para o sociólogo Murray Melbin, a noite foi conquistada por nós desde a invenção da luz elétrica. Logo:

O tempo é uma dimensão, do mesmo modo que o espaço, diz Melbin, e as pessoas entraram no reino da noite quando as horas do dia foram ficando mais congestionadas. [...] Pouco a pouco, à medida que a iluminação se aperfeiçoava, os serviços se expandiram, até que, hoje, surgiu toda uma comunidade noturna: tudo, desde aulas noturnas a supermercados, quadras de jogos, discotecas e casas de massagem, bem como um grande exército de empregados de serviços de manutenção, que cuidam e concertam o mundo da luz do dia enquanto os seus habitantes dormem. O *establishment* da Defesa, os mercados financeiros, as emissoras de rádio e televisão, os transportes, os serviços de comunicação funcionam agora 24 horas por dia. (p.31-32)

Na visão de Melbin, em breve a noite e o dia serão intercambiáveis, afirma Alvarez.

Porém, “conquistar a noite não é a mesma coisa que descobrir seus mistérios” (ibid, p. 32), pois, mesmo quando a noite foi conquistada, o outro tipo de trevas não desapareceu; simplesmente mudou de terreno. A noite sempre foi um tempo de medo. Dos trabalhadores em turnos às prostitutas, aos que vivem à noite

interessa que a luz elétrica transforme a noite em dia, afirma Alvarez. “Os trabalhadores noturnos trazem suas mentes diurnas para o trabalho e permanecem racionais e analíticos em seus mundos sem sol” (ibid, p. 32).

Alvarez, seguindo na sua análise sobre a noite, no capítulo II do seu livro, A escuridão no alto da escada, relata suas experiências de criança quando “tinha pavor do escuro” e acreditava que a noite era a hora em que os adultos mostravam seu verdadeiro caráter, isto é, o que as crianças não querem descobrir.

A chave da sua leitura é a noite, e para ele a noite contém o que se quiser colocar nela, como não se pode ver ou se vê pouco, ela permite a sua imaginação um espaço ilimitado para trabalhar. “À noite o medo é uma entidade independente, que adere a qualquer coisa a seu alcance”.(ibid, p. 46)

É preciso destacar, analisando sua obra, que a noite é um tempo em que as coisas não dão certo, se descontrolam; os valores se invertem, e as regras seguidas durante o dia já não se aplicam, pois o medo está lá fora “nas ruas todas as noites: os anormais, os assaltantes, os viciados, os que vêem OVNIS, os satanistas, os fundamentalistas religiosos e os extremistas políticos, os mórbidos, os terroristas e os perversos”. (ibid, p. 47)

Assim, compara o dia com a noite, afirmando que o dia, com suas rotinas e ocupações, mantém “as fantasias” sob controle, mas à noite: “... o mundo exterior está escondido, o bom senso perde seus pontos de referência e há espaços para figuras menos dóceis fazerem sentir sua presença”. E lembrando autores de história de terror, como Hamlet, “os maus espíritos só surgem depois do pôr-do-sol e desaparecem ‘com o cantar do galo”. (ibid, p. 52)

Aprofundando-se mais na sua análise, fala da noite dentro da noite, isto é, a vida noturna em sua dimensão privada, a vida que existe quando as luzes se apagam e os olhos se fecham:

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Paranóia é a reação natural, secular, frente à noite. Ela nunca pode ser iluminada o suficiente para dissipar a crença ancestral que as coisas ruins acontecem quando o sol de põe: fantasmas andam, criminosos entram em ação, “o caos retorna”, e as criaturas da noite, em geral, não tem boas intenções. (p. 228)

Se continuasse analisando a noite como sendo “sempre um tempo de medo”, tal hipótese, presente na obra de Alvarez não se comprovaria se tomasse, por exemplo, a análise de Maria Isabel de Almeida e Kátia de Almeida em que a noite é o “circuito da diversão”.

E, se tomo a noite em Vitória da Conquista, qual o seu significado para os jovens desta cidade quando saem para o seu lazer noturno?

Nesta pesquisa, não analiso a categoria noite por si só; vejo-a como uma possibilidade ampliada de reconstruir o cotidiano por meio das observações das condutas dos jovens, bem como os seus contextos, a fim de apreender os “fluidos” aí contidos, referenciando-me em Pais (2003, p. 126):

Da mesma forma que nas condutas de água temos um fluir de H₂ e O, também nas condutas comportamentais temos um fluir: de normas (de conduta), de representações sociais, de significados compartilhados. O que nas condutas da vida cotidiana vemos fluir é também a sociedade sob a forma de “cultura interiorizada” através dos mais diversificados processos de socialização.

Continuando a busca no sentido de iluminar o significado da noite, encontro outra pista e sigo-a: é o trabalho de Mario Margulis (1997), La Cultura de La Noche, quando analisa a vida noturna dos jovens na cidade de Buenos Aires, dando-me orientações para compreender a vida noturna dos jovens de Vitória da Conquista. Ele destaca a cultura da noite, quando nas horas mais avançadas, a atividade juvenil alcança a sua maior visibilidade.

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

La actividad juvenil alcanza en las calles de la ciudad su mayor visibilidad en horas avanzadas. La ciudad renace cerca de la madrugada y de puebla de jóvenes de ambos sexos. Muchos territorios urbanos cobran de noche un significado diferente y se entrecruzan también complejos itinerarios.(p. 12)

Quando fala da significação do espaço, do dia e da noite, lembra também da oposição entre a luz e o escuro, os horários de trabalho e descanso, afirmando que as normas que regulam a vida urbana variam entre o dia e a noite. Assim:

Una de las oposiciones que permite aproximarse a la significación del espacio urbano es la del día-noche, la oposición entre luz y oscuridad, o el tiempo procesado socialmente que regula los horarios de trabajo y de descanso. [...] Las actividades de los pobladores están regidas por los marcos institucionales que establecen los usos posibles de los lugares en distintas horas, la institucionalización espacial y temporal de las prácticas sociales. (p. 12)

Suas reflexões me sugerem mais uma possibilidade de tratamento e abordagem sobre a cidade e sua cultura, numa reflexão detida e aprofundada sobre aspectos relativos à noite, à juventude, ao tempo livre e à oferta de consumos culturais noturnos, “ahora también existe una vida nocturna, una noche intensamente poblada por jóvenes, sobre todo em los fines de semana, pero cambiaron los ritmos temporales [...] localizaciones e itinerários tradicionales” (ibid, p. 12).

A geografia temporal da cidade, eleita na noite, se manifesta em territórios específicos do espaço urbano, “La geografía urbana descentralizó y modificó la naturaleza y composición de su actividade nocturna” (ibid, p.12) elegendo lugares e propondo trajetos e percursos que se relacionam com aspectos históricos e

simbólicos, na complexa trama das diferenças sociais e culturais revelados na cidade de Vitória da Conquista.

Para o autor, a cidade é “um jeroglífico, un enigma que se despliega em el espacio y em el tiempo. [...] La ciudad construye y también revela continuamente el sentido de sus signos”. (ibid, p. 11). Enquanto a cultura é concebida no plano da significação: “las significaciones compartidas y el caudal simbólico que se manifiestan em los mensajes y em la acción, por médio de los cuales los miembros de un grupo social piensan y se representan a sí mismos, su contexto social y el mundo que los rodea”. (p. 12-13). Portanto, a cultura seria um conjunto inter-relacionado de códigos de significação, historicamente constituídos, vividos por um grupo social que faz possível a identificação, a comunicação e a interação.

Neste sentido, afirma que a comunicação é cultura, e nós percebemos a cultura e tomamos consciência dela quando confrontamos com a outra cultura, “con el Otro”. Lembra também que a comunicação não está só na palavra, mas também, no uso simultâneo e coordenado de distintos códigos: “códigos referidos al contexto social, al sentido y uso Del tiempo, al cuerpo – sus usos, sus gestos - , a la proximidad o lejanía entre los hablantes, a los silêncios” (ibid, p. 13) e que somos possuidores de signos que são elaborados ao longo do tempo e no interior de uma dada cultura.

Ressalta ainda que a cultura urbana “*actual*”, apesar de compartilharmos linguagens, espaços urbanos, condições sociais e econômicas, as mesmas mensagens “*massmediáticos*”, estamos excluídos no que corresponde a seus signos particulares, suas percepções, suas práticas. Insiste, portanto, que chegar perto da cultura da noite, da cidade noturna dos jovens, requer, em primeiro lugar, aceitar a existência deste fato cultural: o “*Otro*”, cujo código não compreendemos.

Neste sentido, menciona a utilização da etnografia “un obetivo importante a alcanzar es poder conversar con los nativos” (ibid, p. 14), como também a necessidade de conhecer os vínculos entre os sentidos de significação

mencionados com a dinâmica social, econômica e política em que se geram e reproduzem.

Continuando a busca no sentido de iluminar o significado da noite, pergunta: por que a noturnidade? Segundo o autor, para buscar o significado na noite é necessário fazer a relação entre noite e cidade, sobretudo, a noite e a cidade para os jovens e adolescentes.

La noche urbana no es precisamente oscuridad. No es la noche de la naturaleza, sin luz, con estrellas, con sombras, misterios y temores. La noche urbana presenta una ciudad diferente, menos iluminada, acaso ofreciendo por ello mismo mayor privacidad, espacios protegidos de las miradas. Cambia el paisaje urbano y cambian los actores. Son otras las actividades que otorgan dinamismo a la ciudad nocturna, y ello ocurre en espacios que acaso tengan ritmos muy diferentes durante el día. (p. 15)

Neste comentário, o autor faz uma descrição sobre a noite urbana e a noite da natureza, considerando que, na noite urbana, a cidade é diferente, menos iluminada, oferecendo, portanto, mais privacidade, menos olhares. E ainda:

La noche aparece para los jóvenes como ilusión liberadora. La noche comienza cada vez más tarde. Se procura el máximo distanciamiento con el tiempo diurno, con el tiempo de todos, de los adultos, el tiempo “reglamentado”; la mayor separación entre el tiempo de trabajo y el tiempo del ocio. Este tiempo distanciado, conquistado a contracorriente de las costumbres y los hábitos, este tiempo especial, parece propicio para la fiesta. [...] Porque, aunque mercantilizadas e nada espontáneas, todas as propuestas para el consumo nocturno llevan consigo el modelo de fiesta. (p.15-16)

Tudo e todas as representações do poder e do controle estão afastados, menos vigilantes, estão dormindo. Introdúz-se aqui o sentido de festa, quando, na cidade, os que têm o poder dormem e, sobre este adormecimento, se ergue o

imaginário liberador e o começo da irrealidade que requer a festa. Todas as propostas para o consumo noturno levam consigo o modelo de festa, embora mercantilizada e nada espontânea, como pondera o autor:

El clima festivo, el imaginario de la fiesta, necesita de un tiempo y un espacio propios, en ruptura con el tiempo y el espacio habitual. La fantasía, la irrealidad, el distanciamiento de lo cotidiano, se incrementan con recursos y artificios en el interior de los locales: decoración, iluminación, centelleo de luces, intensidad de la música. Las luces estroboscópicas, la decoración, la proyección de videoclips, el volumen de la música, contribuyen al simulacro de la fiesta. (p. 16)

A autêntica festa, a que está presente no imaginário universal, é a liberdade, que requer um tempo próprio, um espaço diferente, descontínuo com o espaço habitual. Assim, no tempo e no espaço de festa, fluem condições para que apareçam outras características do festivo: “la libertad, la rebelión, la subversión de los poderes, el goce, la imaginación, el éxtasis” (ibid, p. 16).

Ao falar da festa, afirma que nela as pessoas oficializam sua própria festa, se liberam dos poderes, da dominação cotidiana, mediante a risada, o grotesco e a máscara. Logo, a festa se realiza através destas oposições, deste situar-se em um plano antagônico intensificando o oposto e o habitual que oprime.

Porém, a festa comercial, destaca o autor, a que é vendida aos jovens, é organizada e controlada por outros. “Es simulacro de fiesta, en el que deliberadamente se instalan ingredientes de transgresión de lo cotidiano: la luz, el espacio, el tiempo, la música cuyo volumen la transforma en algo casi corpóreo” (ibid, p. 16).

Assim, os jovens não oficializam sua própria festa, assinala Margulis, não criam suas regras, não regulam seus espaços; são atores de um teatro alheio, consumidores, sempre aceitando o que não criaram, rígidas formas de exclusão e

admissão, códigos a que têm que se submeter, adaptar-se mimetizar-se, para ser eleito, ter êxito, ser membro.

Considerando o esforço de desentender-se do mundo diurno, na cultura da noite, não deixam de estar presentes as formas de dominação e legitimação vigentes na sociedade.

Predomina a dinâmica da distinção, da exclusão e das hierarquias. Lembra que mesmo o rock, que se manifesta como forma transgressora, em boa parte, é corrompido pela mercantilização; ao transformarem a cultura em mercadoria a empobrecem e deformam seu significado.

O autor destaca que, mesmo considerando que a diversão noturna já está constituída quando o jovem busca companhia, diversão, amor e pertencimento; que a cultura urbana atual impõe à noite as ações coletivas interatuam com a oferta comercializada e vai influenciando e trocando as modalidades dos serviços culturais oferecidos, ainda que “existe la necesidad, la urgencia en los jóvenes por encontrar a sus pares, constituir agrupamientos, encontrar el espacio propicio para integrarse y diferenciarse, construir – aunque sea en el marco frívolo, fluctuante y transitorio de la noche – señales de identidad”. (ibid, P. 17)

Sem dúvida, conclui Margulis, a cultura da noite tende a reproduzir “a develar y aun a exacerbar los sistemas de dominación y de legitimación vigentes en la sociedad. Las formas de diferenciación y de exclusión social son tal vez más brutales y manifiestas que las que se aprecian en la vida diurna”. (ibid, p. 18) Se bem que apareçam aspectos transgressores e contra culturas, mesmo assim, a lógica mercantil que preside todos os gêneros atravessa o conjunto e a atividade noturna.

Deste modo, a cultura da noite aparece como espaço de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patroes, assumem

um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmo e mundo que os cerca.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta; ANPOCS, 1994.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noite Nômades*. Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ALVAREZ, A. *Noite: a vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro : LTC, 1981.
- BARREIRA, César et. al. *Ligado na galera, juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza*. Brasília: Unesco, 1999.
- BORAN, Pe. Jorge. *Juventude, o grande desafio*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas. 1982.
- BRITTO, Sulamita de (et. al.). *Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- _____. *Sociología da juventude III: a vida coletiva juvenil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BURAK, Solum Donas. (Org.) *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- _____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. v. 2.
- CONY, Carlos Heitor. Edição final. Folha de São Paulo. São Paulo, 20 ago. 2003. Opinião, p. A 2. 2003.
- COSTA, Márcia Regina da. Juventude, indisciplina e novas formas de sociabilidade. *Revista Margem/ Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Fapesp)*, n. 1, mar., 1992.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

- _____. *Os "carecas do subúrbio": caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DAMATTA, Roberto: *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- EISENTADT, S.N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ERIKSON, Erick H. *Identidade juventude e crise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus*. Antropología de la juventud. Barcelona: Editorial Ariel S.A, 1999.
- FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC, 1973.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- HERSCHMANN, Micael. *Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- HOBBSAWN, Eric J. *Era dos Extremos ; o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LÉVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs). *História dos jovens: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Cia Das Letras, 1996. v. 1.
- _____. *História dos jovens: a época contemporânea*. São Paulo: Cia Das Letras, 1996.
- MARGULIS, Mario et al. *La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires*. 1. ed. Buenos Aires: Biblos, 1997. 2ª. reimpr.
- PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigma e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- _____. *Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995
- _____. *Ganchos, tachos e biscates*. Portugal: Ambar, 2001.
- _____. (Coord.) *Traços e Riscos de Vida. Uma Aproximação Qualitativa a Modos de Vida Juvenis*. Portugal: Ambar, 1999.
- QUINTINO, Elizabeth Silva Gomes. *Os Jovens, a metrópole e um futuro incerto. Dissertação (Mestrado) São Paulo. PUC, 1998*.
- SANCHEZ, M. Carmo Cabêdo ; MARTINS, Humberto. *Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis. Traços nocturnos (Percurso juvenis na noite do Bairro Alto)*.
- SILVA, Elisabeth Murilho da. *A violência diletante: um estudo sobre as brigas juvenis no contexto do lazer*. 2003. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências Sociais – Antropologia - PUC. São Paulo, 2003.
- SIMMEL, Georg. *Sociabilidade; um exemplo de sociologia pura ou formal*. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).